

*ARTIGO*

3ª EDIÇÃO | 2022

# A HERMENÊUTICA E DOCTRINA CRISTÃ EM AGOSTINHO: UM PANORAMA ENTRE AUTOR, OBRA E INFLUÊNCIA

*Esequiel Cristiano Pinto Pinheiro de Souza*

*Daniel Batista Lima*

*Leandro Marcondes Vieira Cerqueira*

*Moacir Domingos de Oliveira*

*Sidnei Almeida Silva*



# A HERMENÊUTICA E DOCTRINA CRISTÃ EM AGOSTINHO: UM PANORAMA ENTRE AUTOR, OBRA E INFLUÊNCIA

Esequiel Cristiano Pinto Pinheiro de Souza<sup>2</sup>

Daniel Batista Lima<sup>3</sup>

Leandro Marcondes Vieira Cerqueira<sup>4</sup>

Moacir Domingos de Oliveira<sup>5</sup>

Sidnei Almeida Silva<sup>6</sup>

## RESUMO

Agostinho de Hipona foi um dos teólogos do período patrístico, sendo um proeminente hermenêuta das Sagradas Escrituras. O teólogo patrístico valorizou os idiomas originais, as versões da Bíblia e a contribuição de várias áreas do conhecimento como: geografia, história, música e matemática para se realizar a hermenêutica cristã. O amor é a parte fundamental de seus ensinamentos e interpretações das Sagradas Escrituras que ficaram registrados e influenciaram a teologia cristã ao longo da história. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é apresentar algumas características da hermenêutica e do pensamento de Agostinho a partir do escrito “A doutrina cristã”. Busca-se extrair, assim, os pontos relevantes da interpretação agostiniana, considerados como de imensa importância para a teologia contemporânea e que favorecem uma boa compreensão da teologia cristã.

**Palavras-chave:** Agostinho; hermenêutica; amor.

---

<sup>2</sup> SOUZA, Esequiel Cristiano Pinto Pinheiro de. Pós-graduado em Docência do Ensino Superior – UNIMAIS – Faculdade Educamais. Pós-graduado em Psicomotricidade pela Faculdade afirmativo, Instituto de Educação Bom Jesus. Graduado em Educação Física pela Universidade de Guarulhos. Bacharelado em teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo. E-mail: esequielpinheiro@gmail.com

<sup>3</sup> LIMA, Daniel Batista. Graduado em Gestão de Recursos Humanos pelo Centro Universitário Estácio de São Paulo. Bacharelado em Teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo. Email: prof.danielbatista@outlook.com

<sup>4</sup> CERQUEIRA, Leandro Marcondes Vieira. Bacharel em Ciências Contábeis. Graduado em Gestão Financeira pela Universidade Anhanguera Uniderp. Bacharelado em Teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo. Email: leandro.marc.viecerc@gmail.com

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Moacir Domingos de, Graduando em teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo.

<sup>6</sup> SILVA, Sidnei Almeida, Graduando em teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo.

## Abstract

Augustine of Hippo was one of the theologians of the patristic period, being a prominent hermeneutic of the Holy Scriptures. The patristic theologian valued the original languages, versions of the Bible and the contribution of various areas of knowledge such as: geography, history, music and mathematics to effectuate Christian hermeneutics. Love is a fundamental part of his teachings and interpretations of the Holy Scriptures that have been recorded and influenced Christian theology throughout history. Thus, the objective of this research is to present some characteristics of hermeneutics and Augustine's thought from the writing "The Christian doctrine". It seeks to extract the relevant points of the Augustinian interpretation, considered as of immense importance for contemporary theology and that favor a good understanding of Christian theology.

**Keywords:** Agostinho, hermeneutics, love.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar o pensamento hermenêutico agostiniano a partir da obra "A doutrina cristã" (entre 397 e 427 d.C) e a partir disso a correlação entre a hermenêutica e o objetivo dela. Conforme Agostinho, o objetivo da hermenêutica seria a produção de piedade e amor a Deus. Sendo assim, a pesquisa se inicia a partir de um panorama sobre o autor, a obra e a sua influência, visto que, o objetivo desta pesquisa é o enfoque de alguns aspectos da hermenêutica e do elemento do amor no pensamento de Agostinho.

Destaca-se alguns aspectos da obra "A doutrina cristã" acerca do amor e, posteriormente, busca-se discorrer sobre os demais pontos do livro, pontuando algumas questões relevantes. Após isso, é desenvolvido o conceito do amor como base da hermenêutica de Agostinho, bem como, alguns desdobramentos referentes a esse amor, quer seja ele direcionado a Deus ou quando é direcionado para a sociedade. No tocante ao amar as coisas, uma das características principais do pensamento de Agostinho é o amar a Deus acima das demais coisas, o que demonstra um sinal de aperfeiçoamento.

Com isso, tomando-se "A doutrina Cristã" como objeto de análise, busca-se ressaltar alguns pontos que possam ser divergentes, como, por exemplo, a inclinação de Agostinho ao método alegórico de interpretação bíblica, bem como, ressalta-se o conflito entre dicotomia e tricotomia acerca da constituição interior do homem. É claro que ambos os temas são extensos e seria contraproducente tentar discorrer sobre tantos assuntos diferentes, por isso, busca-se somente demonstrar os possíveis conflitos que existe entre alguns pontos da perspectiva agostiniana em contato com outras linhas teológicas cristãs.

Na pesquisa também se destaca uma reflexão entre a hermenêutica e as demais áreas do saber, segundo Agostinho. Buscando-se enfatizar que toda verdade é proveniente do próprio Deus. Isso acaba desmitificando as linhas de pensamentos que desprezam outros conhecimentos, tratando-os como profanos, mas, o mesmo Agostinho alerta contra os perigos da mistificação ou tolas superstições. Após essas considerações, a pesquisa é finalizada com uma apresentação pontual acerca da retórica.

Todas essas características que se busca apresentar neste artigo panoramicamente, tais como: o amor, a compreensão sobre o amor, o método de interpretação bíblica, a constituição interior do homem, a compreensão acerca da verdade, a consideração das demais áreas do saber, incluindo a retórica, são imprescindíveis para a hermenêutica bíblica segundo a visão teológica de Agostinho. Em suma, considera-se que a obra “A doutrina cristã” é uma produção teológica densa, com inúmeras possibilidades de análises e abordagens, sendo neste artigo escolhida uma delas: uma abordagem panorâmica e pontual, para se refletir e considerando a obra de Agostinho elevar o intelecto e alma.

## **Autor, obra e influência**

Aurelius Agostinus, Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho (354-430), foi um proeminente teólogo e filósofo nos primeiros séculos do cristianismo e também foi bispo de Hipona, uma cidade na província romana da África. As suas obras influenciaram muito no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Até hoje os seus escritos encantam acadêmicos variados, quer seja admirando a sua linguagem devota e apaixonada, quer pelo ardor de seus argumentos ou até mesmo por divergências com as suas doutrinas. O fato é que este bispo do século V deixou marcas profundas na produção acadêmica teológica filosófica, e dentre essas muitas contribuições no campo da hermenêutica. Segundo Zuck: “[...] Jerônimo e Agostinho sejam os mais conhecidos” (ZUCK, 1994, p.44) no panorama patrístico.

Um de seus escritos, “A Doutrina Cristã”<sup>7</sup>, escrito entre 397 e 427, é um manual exegético e de formação cristã com aplicações hermenêuticas e dogmáticas segundo a perceptiva de Agostinho. Cabe ressaltar que o teólogo patrístico, dentre os Pais da Igreja, como filho de seu tempo e apesar da sua criatividade, paixão e habilidade intelectual cedeu ao método de interpretação alegórico, especialmente, quando tratava o Novo Testamento com a abordagem mais popular de interpretação: a alegoria. No cenário dos Pais da Igreja, isto se dava pelo fato de desejarem embasar os seus ensinamentos nos moldes do Antigo Testamento e, com isso, obterem mais credibilidade. Como na época, o método alegórico era o método mais apreciado e popular, este também foi o caminho praticado amplamente por eles (KLEIN, 2017) e, por isso, é possível também observar essa influência em trechos da obra de Agostinho. O método alegórico é:

---

<sup>7</sup> AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã – São Paulo: Paulus, 2002.

alegorizar é procurar um sentido oculto ou obscuro que se acha por trás do significado mais evidente do texto, mas lhe está distante e na verdade dissociado. Em outras palavras, o sentido literal é uma espécie de código que precisa ser decifrado para revelar o sentido mais importante e oculto. Segundo este método, o literal é superficial, e alegórico é que apresenta o significado verdadeiro (ZUCK, 1994, p.34).

Outro ponto é o seu grande amor pelas Sagradas Escrituras que também é notado, visto que, os seus argumentos são semeados de referências bíblicas; um traço notavelmente agostiniano que deveria ser tomado como exemplo por alguns escritores cristãos da atualidade. Esse amor, não somente pelas Escrituras, mas, principalmente pelo Deus que a inspirou conduz a sua hermenêutica numa grande máxima “O homem perfeito: aquele que ama a Deus acima de tudo” (AGOSTINHO, 2002, p. 42).

A partir disso, busca-se ressaltar que o livro é subdividido em 4 livros, cada um deles abordando regras e pontos exegéticos, hermenêuticos, retóricos e práticos, não se reservando exclusivamente ao âmbito intelectual, mas, também aos aspectos devocionais, relacionais e sociais.

O livro I é introdução de ordem dogmática e moral para servir de base a todo o desenvolvimento[...]. Todo conhecimento, explica santo Agostinho, estende-se sobre as coisas ou sobre os sinais (*de rebus aut de signis*). Há, pois, que fazer distinção entre o conhecimento das coisas (*doctrina rerum*) e o conhecimento dos sinais (*doctrina signorum*) (OLIVEIRA, 2002, p.14).

Na primeira parte do livro I, conforme Oliveira, Agostinho trata da distinção entre os sinais e as coisas, pois “a doutrina cristã busca em primeiro lugar conhecer o real – as coisas (*res*)” (OLIVEIRA, 2002, p.14). O sinal, para o teólogo, pode ou não pontar para algo com maior significado, sendo segundo as suas próprias palavras “toda coisa que, além da impressão que produz [...], faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta” (AGOSTINHO, 2002, p.85).

Cabe ressaltar que Agostinho subdivide as coisas entre as que podem ser fruídas e as que podem ser utilizadas. Essa busca pelo conhecimento do real significado é resultado de um desejo de deleitar-se ou de desfrutar um sentimento apazível com o conhecimento obtido e utilizar-se deste conhecimento. O ápice desta busca é o Deus-Trindade e por este ser inefável, imutável e eterno o único caminho possível para compreendê-lo é por intermédio de Jesus Cristo, utilizando todos os meios humanos possíveis para isso.

Dentre as “coisas” a serem observadas dogmaticamente estão: “Deus, a Trindade, a encarnação, a ressurreição, a Igreja, a ressurreição dos corpos, o inferno e o céu, os anjos” (OLIVEIRA, 2002, p.14), bem como, “[...] as verdades morais: a fé, a esperança, a caridade” (OLIVEIRA, 2002, p.15). Assim, observa-se nesse panorama que Agostinho finaliza o livro I com os princípios básicos da exegese considerando que “o reino do amor é a chave do anseio e do repouso do coração humano” (OLIVEIRA, 2002, p.15). Vale ressaltar que conforme o especialista em Agostinho, o teórico Oliveira, ao traduzir e realizar a introdução da obra “A dogmática cristã” pontua a doutrina das Escrituras segundo Agostinho: “Só o livro sagrado é digno de ocupar o espírito cristão

verdadeiro, já que contém tudo o de que necessita para atingir seu fim. A Escritura é toda um conjunto de sinais escritos, isto é, de palavras” (OLIVEIRA, 2002, p.15).

Acerca do livro II, o autor preocupa-se, especificamente, com a compreensão das Sagradas Escrituras, incluindo os idiomas originais, as versões da Bíblia e demais ciências que possam contribuir, tais como, geografia, história, música, matemática. Assim, todo o exegeta necessita de amplo conhecimento em diversas áreas para poder com maestria interpretar o texto sagrado, não somente necessita da ciência como também da filosofia. Desse modo, Agostinho chega a recomendar que qualquer acerto encontrado nos autores pagãos seja incorporado a Verdade, já que toda verdade provém de uma única fonte, a suma Verdade, o Logos. Assim, o teólogo conclui o livro II diferenciando os Livros santos dos profanos.

Conforme McGrath:

Justino, em sua obra, Primeira apologia, defendeu que podem ser encontrados sinais da verdade cristã em grandes escritores pagãos. Sua doutrina do logos *spermātikos* (“palavra geradora) permitiu-lhe afirmar que Deus havia preparado o caminho para sua revelação final em Cristo por intermédio dos indícios de sua verdade, que estavam presentes na filosofia clássica. Justino, nos fornece um importante exemplo inicial da tentativa de um teólogo em relacionar o evangelho à perspectiva da filosofia grega, tendência particularmente associada à igreja ocidental (MCGRATH, 2005, p. 44-45).

Observa-se que Justino, um teólogo patrístico do século II, portanto, anterior a Agostinho, já apresentava essa noção da verdade presente em outras áreas do saber. A verdade pertence à Deus, que é a própria verdade. No livro III, o teólogo Agostinho apresenta as regras da interpretação bíblica. Visa a ensinar a resolver as possíveis ambiguidades que podem estar presentes no pensar do exegeta quando analisa as Escrituras. Há, portanto, “[...] Uma série de princípios para a ajuda da interpretação de tais textos é apresentada” (OLIVEIRA, 2002, p.16). No livro III, Agostinho dedica-se agora à interpretação em si. Aqui é visto claramente a sua inclinação ao alegorismo alexandrino, com as suas raízes em Orígenes e em Ambrósio, considerando a máxima “a letra mata e o espírito vivifica”, presente em 2 Coríntios 3.6 da carta paulina. Cabe aqui indicar este versículo: “Ele nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica”<sup>8</sup> (BÍBLIA).

No livro III são apresentados os princípios básicos para a interpretação, os quais Agostinho embasava como uma boa interpretação. Assim, o autor Virkler cita em sua obra 12 regras de Agostinho, mas, que segundo ele, “Agostinho renunciou à maioria de seus princípios e inclinou-se para uma alegorização excessiva” (VIRKLER, 2001, p.45). É interessante o fato de que Agostinho defende a busca do significado mais literal do texto sagrado, porém, utiliza-se da alegoria,

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.bibliaon.com/versiculo/2\\_corintios\\_3\\_6/#:~:text=2%20Cor%C3%ADntios%203%3A6%206%20Ele%20nos%20capacitou%20para,vivifica.%20Este%20overs%C3%ADculo%20em%20outras%20overs%C3%B5es%20da%20B%C3%ADblia](https://www.bibliaon.com/versiculo/2_corintios_3_6/#:~:text=2%20Cor%C3%ADntios%203%3A6%206%20Ele%20nos%20capacitou%20para,vivifica.%20Este%20overs%C3%ADculo%20em%20outras%20overs%C3%B5es%20da%20B%C3%ADblia) Acesso em 20/06/2022.

como dito anteriormente. Apesar da genialidade, ele era um homem de seu tempo, se neste ponto existe uma aparente incoerência, isto não ocorre com a sua perspectiva da apreensão e compreensão da verdade, visto que ele utiliza de algumas diretrizes que o donatista Ticônio propusera: toda as técnicas de interpretação bíblica devem sempre ser acompanhadas de oração. Sobre o livro IV, cabe ressaltar: “[...] este livro final é tratado de oratória sagrada com a exposição de processos de expressão. O orador sacro poderá aproveitar-se das regras de retórica profana. (OLIVEIRA, 2002, p.17).

O livro IV finaliza com a retórica e a prédica, utilizando dos meios existentes para expor o conteúdo, sempre visando o ensino, o deleite e o convencimento. Os três estilos para isso seriam o simples, o moderado e o sublime, cada qual com a sua peculiaridade. Tomando exemplos dos personagens sagrados ou das figuras proeminentes da Igreja, o intuito é manter a atenção do ouvinte, mais uma vez Agostinho enfatiza a necessidade da oração, reconhecendo como tarefa santa o ofício da preleção.

Portanto, apesar desta subdivisão, Agostinho não deixa bem delineado alguns conceitos, visto que, a sua forma de escrita apaixonada faz com que os assuntos às vezes se entrelacem. Segundo Henri-Irénée Marrou “ele possui ideias em demasia” (1938), por isso, às vezes parece tão contrastante com o que se está habituado a ler, mas nada que não seja reflexo de uma centralidade que todas as ideias gravitam em torno do conceito de Deus.

É excepcional o tamanho da contribuição de Agostinho, mesmo tendo limitações quanto aos idiomas originais ou não sendo tão científico como o teólogo Jerônimo. Existe também a crítica acerca do seu temperamento ardente e seu “espírito prodigiosamente sutil” que lhe atrapalhava na qualidade de exegeta, porém, será isto verdade, dada a extensão da sua influência? Com a sua relevante contribuição às doutrinas da graça, salvação, trindade e etc.? Claro que esse caráter exortativo, às vezes, o tirava do sentido hermenêutico correto do texto, a sua linguagem é complexa e nem sempre pode ser levada ao pé da letra. Sendo assim, para Agostinho interpretar a Bíblia literalmente como os maniqueístas era ter um entendimento unicamente carnal e desprovido de iluminação espiritual.

## **O amor: a base da hermenêutica agostiniana**

Observando as páginas ora objetivadas nessa análise, é certo dizer que, o amor é o âmago em questão, uma vez que, Agostinho, deixa claro que “Homem algum, de fato, está excluído por aquele que nos disse de amar o próximo. O Senhor mostra-o expressamente no evangelho. [...]” (AGOSTINHO, 2002, p.68). Diante disso, nota-se que o amor a Deus sobre todas as coisas e o amor ao próximo está sendo abordado de forma clara, onde a fonte são as Sagradas Escrituras.

Todas as vezes que nos deparamos com esse ensino bíblico, a respeito do amor ao próximo, surge, então, aquela indagação que o excelentíssimo doutor da lei fez ao Senhor Jesus:

“Quem é meu próximo?” conforme Lucas 10:29 (BÍBLIA)<sup>9</sup> pois, o mandamento de amar a Deus para o ser humano é muito mais fácil de assimilar (entender) do que o mandamento de amar ao próximo, uma vez que Deus morreu por nós. Assim, há a questão: e meu próximo o que fez por mim? Então, o autor para responder a essa questão, a luz dos ensinamentos do Senhor Jesus contidos nas Sagradas Escrituras, faz um breve relato do texto bíblico supracitado, e evidencia a partir dos ensinamentos do Senhor quem é o “nosso próximo”.

Está claro que ele quis fazer-nos compreender por aí que nosso próximo é o homem a quem devemos prestar serviço de misericórdia, caso esteja em dificuldade, ou a quem deveríamos prestar ajuda, caso necessitasse. Daí a consequência: o homem que nos presta um serviço é, também, nosso próximo. A palavra “próximo” indica relação, e ninguém pode ser próximo se não daquele de quem se aproxima. (AGOSTINHO, 2002, p. 69).

Perante o exposto, segundo o pensamento do autor, a palavra próximo exprime relação. Assim, amar ao próximo está intimamente relacionado ao convívio social, as relações humanas e ao outro, ou seja, são interações que realizamos com todos aqueles que estão passando por nossas vidas diariamente.

Por certo, o amor é parte constante das Escrituras Sagradas e Deus declara seu amor por nós (João 3:16), quando entrega seu único Filho pela humanidade, contudo, para que esse amor possa fluir através de nós, precisamos receber o Ser soberano, para viver em nós. Porque Ele (o Senhor), nos usa para manifestar sua bondade entre os homens (AGOSTINHO, 2002, p. 71).

Como instrumentos bem afinados e alinhados com os seus planos eternos e soberanos. Todavia, para que alcancemos tão grande benefício se precisa receber o Espírito de Deus, conforme ressalta o autor:

É nesse sentido que o Senhor diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6), isto é, por mim se vem, a mim se chega, em mim se permanece. Chegar até ele, com efeito, é chegar também ao Pai. Pois por ele se conhece aquele que lhe é igual. E o Espírito Santo nos liga, por assim dizer, nos aglutina, a fim de nos dar possibilidade de permanecermos unidos ao sumo e imutável Bem (AGOSTINHO, 2002, p. 75)

Em suma, diante de tudo que foi exposto pelo autor, constata-se que a hermenêutica bíblica deve ser totalmente pautada no amor, pois foi por meio dele, que Deus entregou o seu único Filho pelos pecados de toda a humanidade. É por meio do amor (Deus é amor) que os crentes recebem o Espírito de Deus. Através do amor de Deus em nós, somos seus instrumentos para alcançar nosso próximo. Esse pensamento está em conformidade com o pensamento do autor: “Se alguém julga ter entendido as Escrituras divinas ou partes delas, mas se com esse entendimento não edifica a dupla caridade – a de Deus e a do próximo -, é preciso reconhecer que nada entendeu” (AGOSTINHO, 2002, p.75).

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/lc/10/29-37> Acesso em 20/06/2022.

Sendo assim, todo hermenêuta bíblico que não receber em seu ser como um todo (corpo, alma e espírito, segundo a hermenêutica pentecostal), o amor, não poderá de forma integral e responsável interpretar as Sagradas Escrituras, pois se entende-se que Deus é amor, como poderá o homem interpretar a Bíblia sem o amor em si? Logo conclui-se que, sem o amor não há hermenêutica bíblica.

## **A ressurreição dos corpos e o gozo**

Observa-se que no desenvolver de sua síntese dogmática, o bispo de Hipona descreve ser a morte o primeiro passo para que o corpo incorruptível entre no aguardo do momento da ressurreição para ser transformado para melhor. Agostinho compreende que, embora, o corpo corruptível, que vivia na depravação seja restaurado e transformado, sua carne e sangue não possuirão o Reino de Deus, sendo este, então, revestido de imortalidade (conforme 1Cor 15,50.53). Quanto aos que não se moldaram pela verdade, estes na morte, também entram no mesmo processo, porém, para se transformar num estado de expiação no suplício, ou seja, não há desfrutação das bem-aventuranças do Reino de Deus.

Tendo chegado a essas conclusões, Agostinho afirma ser um ensino da fé de que jamais a alma e corpo serão destruídos em sua totalidade, pois, um dia tanto os fiéis quanto os ímpios ressuscitarão, onde os fiéis desfrutarão a vida eterna e os demais sofrerão as penas incalculáveis da ira de Deus.

## **O gozar e usar**

Como consequência desta exposição, os fiéis devem gozar apenas das coisas que são inalteráveis e eternas, e as demais usá-las para fins do gozo do que é imutável e eterno, ou seja, usar das coisas mutáveis e passageiras com o propósito de desfrutar com alegria do que é eterno e imutável. Os fiéis neste propósito, tanto gozam de todas as coisas como também são uma destas coisas, e sendo assim, é coisa grande pois o homem é imagem e semelhança de Deus, sendo colocado superior aos animais pela “excelência da alma racional” e “capacidade racional humana” (MCGRATH, 2005, p. 524).

Para Agostinho, a capacidade racional do homem é o que diferencia os humanos dos animais, devendo este cultivar essa capacidade que o faz superior às bestas e transformá-la de alguma forma, usando a inteligência para julgar os comportamentos. Ele chega a esta conclusão devido o elemento característico do homem de racionalidade, sendo este elemento, uma capacidade exclusiva do homem, concedida por Deus, para o possibilitar o relacionamento com Ele.

A saber, os homens devem gozar ou usar uns dos outros. O preceito foi instaurado por Deus, se deve amar uns aos outros mutuamente, ou seja, amar nosso semelhante por ele próprio ou por outro fim. Para o monge o homem deve ser amado para outro fim, porque Cristo que deve

ser amado pelo que Ele é, e é o concesso da vida bem-aventurada, não havendo outro igual, quanto ao homem ele adequa ao que diz nas Escrituras: “Maldito o homem que confia no homem” conforme Jr 17,5 (BÍBLIA)<sup>10</sup>.

## **Amar Deus acima de tudo torna o homem perfeito**

Enfatiza-se que é notório quanto ao amor, que não devemos amar todas as coisas, nem todas elas nos levam ao propósito final da vida do fiel que leva ao destino comum de relacionar-se com Deus. Para isto ele usa o exemplo dos mártires, certamente, não amaram as maldades que sofreram, mas, usaram delas para merecer o gozo de Deus.

O amor de si mesmo é um amor desordenado, melhor denominado ódio, pois, acredita o homem obter não pouco triunfo quando possui poder de dominação sobre outro homem, e isso é natural de sua alma, cheia de vícios, buscar para si o que é próprio de Deus, ou seja, este amor é iniquidade, um falso amor de si mesmo. Um homem que busca dominar o que lhe é semelhante (outro homem) é dominado de um orgulho intolerável.

## **Ninguém odeia o próprio corpo**

O homem não tem ódio de si, segundo o Apóstolo Paulo: “Ninguém jamais quis mal à sua própria carne” (Ef. 5,29). Logo, aqueles que dizem que seria melhor viver sem o corpo, estão errados em seu pensamento, porque não é o corpo que odeiam, mas sim a corrupção do corpo. Para fins de afastamento da corrupção do corpo, alguns se mortificam com privações e trabalhos em busca de destruir o poderio da corrupção corporal, o mantendo submisso e disposto ao cumprimento do dever.

Aqueles que fazem a mortificação do corpo com intenções ruins, como se seu corpo fosse seu inimigo natural, não compreende que “A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente” (Gl 5,17). Isto foi dito para que compreendêssemos que devemos submeter o corpo ao espírito. Isto não acontecerá enquanto comuns, mas quando formos restaurados na ressurreição, pois os fiéis herdarão um corpo incorruptível e completamente submisso ao espírito, em plena paz, e enquanto não incorruptíveis, deve-se buscar a aproximação desta realidade, submetendo a carne aos prazeres do espírito.

## **O verdadeiro amor-próprio**

É necessário ensinar ao homem qual a medida correta de seu amor, ou seja, a maneira que ele deve se amar para que seja proveitoso. Ensiná-lo como amar seu próprio corpo e como cuidá-

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jr/17?q=Jeremias+175> Acesso em 20/06/2022.

lo e conservá-lo, mantendo-o sadio, pois é bobagem duvidar que o homem ame a si próprio. Há aqueles que amam bens mais que a sua saúde e integridade, mas, vemos que até o avarento, mesmo que amando o dinheiro não deixa de comprar o seu pão. Fazendo isto ele abre mão do dinheiro que tanto ama e busca aumentar, porém, acima do dinheiro ele ama a sua saúde que só pode ser mantida através deste pão.

Mateus diz no evangelho que carrega seu nome em 22.37-41: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt. 22,37-40). Agostinho entende que a alma e o corpo constituem o inteiro a ser amado, ou seja, alma e corpo é o que forma o homem, e também o nosso próximo por inteiro, pois o homem é corpo e alma, assim devemos amar o homem em sua completude.

Esta visão dicotômica do bispo de Hipona, embora, aceita por muitos agostinianos, não é a única e pode-se compreender como problemática, visto que, ele não faz diferenciação entre alma e espírito:

Os chamados tricotomistas entendem que o homem é formado de três partes distintas: corpo, alma e espírito. Seu ensino honra as Escrituras e se harmoniza com elas, pois, de acordo com a Bíblia, o homem tem uma constituição tríplice, sendo formado de espírito, alma e corpo (I Ts 5.23) (RENOVATO, 2008, p.270).

A Bíblia descreve a alma e o espírito de formas diferentes:

A "alma" é considerada o princípio da vida física ou animal. Os animais possuem uma alma básica e rudimentar: apresentam evidências de emoções e são descritos com o termo *psuchê* em Apocalipse 16.3 (ver também Gn 1.20, onde são descritos como *nephesh chayyah*, "de alma vivente" no sentido de "indivíduos vivos" dotados de certa medida de personalidade). Os seres humanos e os animais são distintos das plantas, em parte pela capacidade de expressar sua personalidade individual.

O "espírito" é considerado um poder sublime que estabelece os seres humanos na dimensão espiritual e os capacita à comunhão com Deus. Pode-se distinguir o espírito da alma, sendo aquele "a sede das qualidades espirituais do indivíduo, ao passo que nesta residem os traços da personalidade". Embora distintos entre si, não é possível separar alma e espírito. Pearlman declara: "A alma sobrevive à morte porque é energizada pelo espírito, mas alma e espírito são inseparáveis porque o espírito está entretecido na própria textura da alma. São fundidos e caldeados numa só substância (HORTON, 2018, p.130-134).

O pecador em situação de pecador não merece ser amado: mas todo homem, deve ser amado por causa de Deus. Deus, entretanto, em si é totalmente digno de amor, e sendo dever amar a Deus mais do que todas as coisas e mais do que os homens que também são coisas, é dever do homem amar a Deus mais do que a si mesmo. Assim, também o homem deve amar o

próximo mais do que ao seu corpo, porque, todas as coisas são amadas por Deus, e o nosso próximo pode gozar de Deus conosco, o que não pode o nosso corpo pois ele vive da alma e é pela alma que gozamos de Deus.

## **Hierarquia no amor ao semelhante**

Para Agostinho há uma forma hierárquica de amar ao semelhante, tudo tem de ser amados de forma igual, porém, também entende que o homem não consegue ser assim a todo momento e com todos, então, deve o homem atender com este amor aos que lhe estão mais próximos, ligados pelas circunstâncias do tempo e lugar.

Diz ele que para atender-se com amor a todos, em circunstâncias de necessitar escolher entre um e outro, deve-se considerar pela sorte o grau de proximidade, e assim qualificar o grau de proximidade para que se possa fazer uma escolha. Entre os que conosco podem gozar de Deus, amamos alguns a quem favorecemos; amamos também outros que nos favorecem; devemos amar aqueles que necessitamos de auxílio, aqueles que atendemos suas indigências, também amamos homens que não lhe servimos de nenhuma utilidade e nem deles esperamos algo.

Porém, devemos em primeiro lugar amar a Deus, e trabalhar para que todos amem a Deus conosco, pois assim como usamos todas as coisas para fins de nos aproximar de Deus, também devemos buscar que tanto nós como todos que conosco estejam ligados por proximidade ou por semelhança de Deus, amem a Deus, está é a finalidade única do homem, amar a Deus sobre todas as coisas.

## **Ciências, artes e instituições segundo Agostinho**

Agostinho demonstra a necessidade de conhecimento sobre a natureza das coisas e que essa falta de conhecimento, torna-se uma barreira em potencial para a interpretação das expressões figuradas diversas das Escrituras, já que essas servem de objetos de comparação. Na análise do texto de Mateus 10.16, segundo Agostinho, é possível perceber que o animal responsável por induzir o ser humano à queda (ao pecado), serve de referência como um exemplo a ser seguido pelos cristãos, isso devido ao seu comportamento natural, pois, ao ser espancado, o animal expõe o corpo afim de proteger a cabeça.

Assim, Agostinho procura demonstrar o cuidado do cristão ainda que o seu corpo venha a ser afligido pela dor, não permitir que sua mente seja afetada, pois, a sua fé é racional. Ou ainda o momento em que a serpente passa pelo processo de troca de pele, procura isolar-se em lugar apertado até à conclusão do processo, dessa forma, o cristão precisa despojar-se da velha natureza permitindo que Cristo tenha domínio de seu atual viver, ainda que para isso seja necessário seguir por um estreito caminho, porém, que conduz à salvação.

Agostinho ressalta a necessidade de compreensão no conhecimento do uso nas Escrituras, das pequenas pedras que brilham em meio a escuridão e se fazem vistas naturalmente. Os cristãos também devem manter em sua essência o brilho de Cristo mesmo em tempos de extremas dificuldades representadas pela escuridão. Traz ainda a visão das plantas que se firmam por suas raízes, assim, também a fé deve estar enraizada nas Sagradas Escrituras, trazendo força e alimento para a alma e a vida cristã.

O teólogo patrístico também conduz a enxergar o importante papel da folha de oliveira trazida pela pomba à Noé na arca, simbolizando a paz perpétua, bem como, o óleo da mesma oliveira que não se mistura com facilidade com qualquer outro líquido, dessa forma, a vida dos seguidores de Cristo não se envolve em costumes mundanos. Seguindo esta consideração é também comentado por Agostinho a eficácia medicinal do hissopo em purificar pulmões, ou enraizar-se em rochas sendo erva rasteira e miúda refletindo o contexto do Salmo 51.9 que diz “Tu me borrifas com hissopo, e serei purificado”. O pensamento exposto é que, evidentemente, não é que a simples aspersão com hissopo o deixaria purificado, mas o cristão orando a Deus pedindo com coração sincero irá alcançar essa purificação.

## **Simbolismos dos números**

Agostinho traz ainda o impedimento gerado pela ignorância em relação ao conhecimento em respeito aos números nas formas figuradas e simbólicas das Escrituras. E procura relacionar os fatos entre Moisés, Elias e Jesus terem jejuado 40 dias cada e afirma compreender o número 40 como quatro vezes 10, associando com um ritmo quaternário. Tem-se o entendimento que esses números simbólicos só podem ser resolvidos com um minucioso estudo e que esse número diz respeito a todas as coisas inclusas no tempo como, os quatro períodos do dia, que são: manhã, meio dia, tarde e noite; tratando também sobre as quatro estações do ano: verão, outono, inverno e primavera.

O tempo referente também diz respeito ao jejum, a fim de abster-se por um período de tempo de todo e qualquer prazer que alimente desejos da carne. Acerca da visão no número três, observa-se três personagens citados: Elias, Moisés e Jesus. Agostinho traz a reflexão sobre a figura de Moisés representando a lei e Elias representando os profetas diante do Mestre ao qual se referiram na lei e nos profetas, e os três discípulos que assistiram esse momento tão glorioso e cheios de espanto. É interessante dar atenção em sua afirmação de que algumas figuras numéricas não são interpretáveis aos leitores das Escrituras e isso devido ao fato da ignorância e assim essas figuras permanecem escondidas.

## **Onde houver verdade, ela é o próprio Deus**

De acordo com Agostinho, todo cristão precisa ter ciência de que onde houver a verdade, essa é propriedade do Senhor, e que esse conhecimento o livrará de todo tipo de engano.

Agostinho reproduziu explicações principais a esse respeito usando principalmente outro teólogo patrístico: Orígenes, para esclarecer que a razão natural auxilia a perceber certas verdades. É trazido então a explicação de dois tipos de conhecimento entre pagãos, um dizia respeito ao que é instituído pelo homem e o que se considera constituídas anteriormente por Deus, ou seja, o que é de instituição é parte superstição e em parte não.

A defesa de Agostino no capítulo 33 do livro II da obra é que os homens constatarem as verdades, não as criam, pois, a verdade pertence à Deus. Conforme Agostinho:

A mesma verdade dos raciocínios (*veritas connexionum*) não foi instituída pelos homens, mas constatada e posta em fórmulas por eles, para poderem aprendê-las ou ensiná-la. A verdade fundamenta-se de modo permanente na razão das coisas e foi estabelecida por Deus. (2002, p.135).

## **A superstição**

Ao tratar a respeito da superstição, Agostinho procura deixar claro que dentre os pagãos a superstição na época era muito grande e diversificada, pontuando que os homens é que fizeram tanto o ídolo quanto os cultos aos ídolos. Ainda mostra que a superstição conduz o homem a fazer até mesmo aliança com demônios usando meios diversificados, sejam por sinais combinados, sejam por fórmulas mágicas, sejam pelo uso de amuletos diversos, tatuagens; e em muitos desses rituais não funcionavam com o papel de diminuir a dor corporal, mas trazer determinados efeitos, ocultos ou manifestos.

## **Influência da astrologia**

Ao tratar sobre astrologia, Agostinho traz o entendimento de quão grande erro é cometido pelos que buscam decifrar o futuro olhando para o céu, procurando respostas para serem direcionados e acabam assim como escravos de grandes erros. Agostinho traz em suas palavras a influência romana, em diversos pontos onde foi dada glória ao nome de César já que sempre que um astro era descoberto no céu, o nome dado era a algum antigo herói consagrado, visto que, os nomes do sétimo e oitavo mês, por exemplo: julho e agosto; dizem respeito à Júlio César e Augusto. Por fim, esclarece que os astros criados e ordenados são queridos por Deus, a fim de determinar os tempos e de acordo com os astrólogos possibilita regras para cada pessoa nascida. Contudo, apesar de Agostinho valorizar a contribuição de várias áreas do conhecimento, como: geografia, história, música e matemática, como já mencionado, percebe-se que ele se mostra ao contrário à astrologia em suas vidas.

## **A história não é instituição humana**

Deus sendo o criador e administrador da história tem como objetivo mostrar o que realmente aconteceu no tempo que foi criado por Ele, respeitando o momento, costume, tradições,

leis e culturas. Isto é proveitoso para a humanidade, totalmente diferente dos livros arúspices que tem como objetivo de apresentar uma falsa história da Roma antiga através dos sacerdotes pagãos que prediziam o futuro pelo exame as estranhas de animais sacrificados. Sabe-se e reconhece-se que é destaque nessa obra os valores da natureza e o que ela representa para a humanidade como meio de sobrevivência. Já o mecanismo dos feitiços e superstições leva a humanidade a viver em um mundo de ilusão, enganando e sendo enganados.

## **Percepção agostiniana do conhecimento da lógica**

Na obra de Agostinho, o raciocínio lógico é enfatizado de uma forma que pode ser classificado de três tipos de raciocínio, os quais são: dedução, indução e abdução, sendo elas aplicadas corretamente trará uma conclusão satisfatória na interpretação. O estudo sobre o que é falso e verdadeiro destaca-se de uma forma clara de entendimento na sua definição, divisão e classificação, principalmente, segundo Agostinho quando ela é descoberta pela própria razão das coisas, aquilo que é lógico. É de grande importância ressaltar que apesar de Agostinho de Hipona ser um teólogo de grande importância dentro do desenvolvimento de diversas doutrinas cristãs e defender que o hermenêuta deve levar em consideração um entendimento literal e histórico das Escrituras, e a consideração da ciência, da lógica e outras áreas do saber, ele acabou em muito exceder ao trazer de forma exagerada a alegorização para a sua hermenêutica.

## **Considerações finais**

É possível observar que Agostinho consegue fundir em sua teologia: devoção, ortodoxia, paixão e filosofia e a sua obra “A doutrina cristã” demonstra isso em suas páginas. A forma em que é desenvolvido os argumentos entre pontos bifocais como, por exemplo, o ensino das coisas e a dos sinais, o amor a Deus e ao próximo ou entre o fruir e o utilizar, permite com maestria uma conexão de comparabilidade, sem que haja perda da importância de cada um dos tópicos, visto que, ele simplesmente demonstra os paralelos e a partir daí enfoca no tema do qual ele quer deter maior atenção, e logo em seguida troca enfoque para o ponto paralelo.

Por isso, observa-se que segundo Agostinho os sinais são muito mais do que apontam às vezes, e podem trazer consigo uma carga de significados que não podem ser desprezados pelo hermenêuta, entretanto, estes sinais só têm notoriedade porque apontam para uma “coisa”, que representam muito mais do que o próprio significado em si. E quando essa “coisa” definida por Agostinho está interligada ao Criador e as suas verdades espirituais ou porque não dizer, quando essa coisa se refere a própria “Coisa Causadora” de todas as outras coisas, que é “Ato” puro em si mesmo, todas as demais verdades, significados convergem única e diretamente a este, resultando no ápice do argumento agostiniano, o amor a este “Ser”.

Sendo assim, o ponto alto de seu argumento hermenêutico será o amor, e este com todos os seus desdobramentos. O seu argumento se constrói num coração devoto e que enxerga a

necessidade de exposição das Escrituras com coerência, cuidado, piedade, ciência e clareza. O fato é que não deve existir verdade que não possa ser usada pelo sábio hermeneuta. A mesma veemência que ele invoca pela utilização do saber, o faz refutar toda e qualquer superstição.

Para desfecho, só é possível em primeiro momento definir como complexa a relação entre ortodoxia de Agostinho e a alegorização feita por ele, reservando simplesmente a percepção de que, como dito anteriormente, no decorrer do desenvolvimento do artigo, ele era um homem de seu tempo, que fora influenciado pelo método hermenêutico, a tendência mais usual da época. Sendo possível assim avaliar que, a sua capacidade teológica pode ser considerada uma dádiva divina à humanidade e a sua contribuição é imensa ao desenvolvimento filosófico e teológico. Não é possível falar de hermenêutica sem ter contato com as suas obras, e é claro que com certas reservas teológicas, dogmáticas ou filosóficas, todos podem e devem beber deste texto. Sobre as tais reservas não é objeto desta pesquisa reservando assim outro momento para discorrer sobre este assunto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, St, Bispo de Hipona, 354-430. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Disponível em:

[https://www.bibliaon.com/versiculo/2\\_corintios\\_3\\_6/#:~:text=2%20Cor%C3%ADntios%203%3A6%206%20Ele%20nos%20capacitou%20para,vivifica.%20Este%20vers%C3%ADculo%20em%20outras%20vers%C3%B5es%20da%20B%C3%ADblia](https://www.bibliaon.com/versiculo/2_corintios_3_6/#:~:text=2%20Cor%C3%ADntios%203%3A6%206%20Ele%20nos%20capacitou%20para,vivifica.%20Este%20vers%C3%ADculo%20em%20outras%20vers%C3%B5es%20da%20B%C3%ADblia) Acesso em 20/06/2022.

BÍBLIA. Disponível em: Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/lc/10/29-37> Acesso em 20/06/2022.

BÍBLIA. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jr/17?q=Jeremias+175> Acesso em 20/06/2022.

RENOVATO, Elinaldo. Antropologia – A doutrina do homem. In: GILBERTO, Antônio. *Teologia sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática, uma perspectiva Pentecostal*, Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

KLEIN, William W. *Introdução à interpretação bíblica*. /William W. Klein, Robert L. Hubbard Jr., Craig L. Blomberg. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MARROU, Henri-Irénée, *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Ed. Boccard, Paris, 1938.

MCCRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. Tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

OLIVEIRA, Nair de Assis. Introdução. In: AGOSTINHO, St, Bispo de Hipona, 354-430. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. Tradução de Luiz Caruso. 1ª ed. – São Paulo: Editora Vida, 2007.

ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade Bíblica*. Tradução Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.